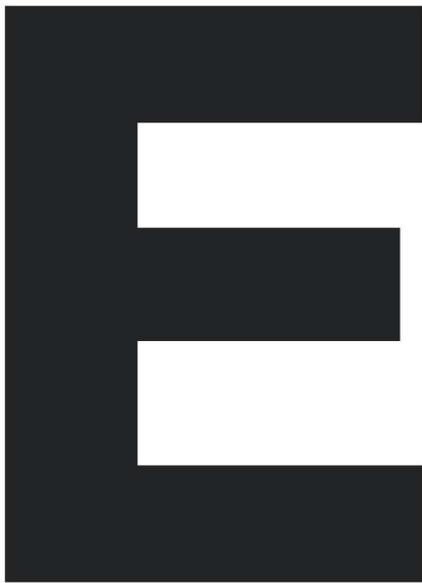


COMO CONQUISTAR O PODER (OU O JOGO DAS EMOÇÕES)

Se o amor move montanhas, o medo ganha eleições. A fórmula pode não ser assim tão simples, mas são as emoções negativas que mais ativam as massas no discurso político. Por muito que a História nos ensine como se faz o jogo do poder, tropeçamos nele vezes sem conta. Os investigadores explicam-nos como se brinca com os nossos sentimentos

— POR ALEXANDRA CORREIA



Este texto não é sobre o amor. O amor “nunca foi um movimento popular”, como nos disse o escritor norte-americano James Baldwin. No entanto, continuava ele, o mundo “mantém-se unido, realmente se mantém unido, pelo amor e pela paixão de pouquíssimas pessoas. Caso contrário, é claro que podemos desesperar”.

O amor fundou a maior religião do mundo. Jesus Cristo abriu as portas e, como uma torrente, inundou-nos com a bela ideia da fratria, somos todos irmãos, “um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros”. O amor ao próximo “como a si mesmo”, segundo ensinamento, só superado pelo amor a Deus, “acima de todas as coisas”, como já tinha explicado Deus a Moisés.

O problema estava na simplificação. E logo o ser humano arranjou maneira de complicar. Como assim, amar o próximo? E o outro que veio de longe, é um próximo? E aqueles que não acreditam no nosso Deus, não será melhor fazê-los acreditar através da guerra e da conquista? E as nossas mulheres, não poderão ser uma espécie de irmãs mais novas que têm de obedecer e curvar à vontade dos irmãos mais velhos?

O amor, esse sentimento profundo que nos leva a ter cuidados para com alguém, deixa muito espaço à interpretação. Freud, Jung, Lacan, milhares e milhares de psicanalistas, romancistas e poetas quiseram ensinar-nos o que é o amor e uma coisa é certa: o amor pode mover montanhas, mas é o medo que ganha as eleições.

Ontem como hoje. A “pólvora” está mais do que inventada e, por muito civilizados que nos consideremos, o discurso político continua eficazmente a ligar os botões dos nossos instintos e das emoções mais bási-

cas. Afinal, nesta complexidade das emoções humanas, os gatilhos dos predadores continuam cá.

O MEDO

“O medo é provavelmente a emoção mais antiga e que mais eficazmente tem sido utilizada quando se apresenta, por exemplo, uma ameaça iminente. Que pode ser factual ou fictícia, mas na cabeça das pessoas essa ameaça existe e, portanto, pode representar um perigo real para ela, para as suas famílias, para os seus grupos, para as suas comunidades”, explica Lisete Mónico, psicóloga social e docente na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Junto com Cristiano Gianolla, entre outros investigadores, Lisete participou no projeto UNPOP – Desmontar o Populismo: Comparando a formação de narrativas da emoção e os seus efeitos no comportamento político, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. O medo – ou a sua “filha”, a ansiedade – é extremamente eficaz no discurso político porque vai ativar mecanismos instintivos de autoproteção.

Gregos e romanos contavam as “atrocidades” das culturas dos povos bárbaros, gente “primitiva” e “inculta”, e ainda hoje o termo barbaridade está associado a extrema violência. Curiosamente, é muito mais fácil lembrarmo-nos de imediato de exemplos das barbaridades da cultura romana, com os seus espetáculos públicos de *damnatio ad bestias* (pena capital em que o condenado era devorado por animais selvagens) do que das violências dos povos bárbaros. Mas isso é porque a História pertence sempre aos vencedores...

“No estudo que fizemos identificamos a ansiedade e o medo como as emoções prevalentes nos discursos dos partidos populistas da direita radical. Mas enquanto a ansiedade remete para uma generalidade, é mais difusa, o medo objeto concreto, um objeto discursivo”, adianta Cristiano Gianolla, investigador do CES.

Já todos adivinhámos qual é, certo? “Agora, em Portugal, e de forma muito evidente, a questão migratória em si é um objeto, mas, mais do que a questão migratória, é um determinado perfil de imigrantes, imigrantes com uma diferença bem marcada a nível social e religioso e que, no discurso populista, vêm disputar a identidade e o bem-estar que foram ganhos com muito esforço, durante muitos anos, e que caracterizam a cultura portuguesa. Esses imigrantes são identificados com a criminalidade, uma generalização de um preconceito segundo qual todos os imigrantes seriam perigosos. Ora, sabemos que a maioria das pessoas que migram vivem para trabalhar e, muitas vezes, para trabalhar em condições menos do que dignas”, continua o académico.

A islamofobia, o foco na “estranheza” da cultura diferente dos imigrantes do subcontinente indiano veio substituir, em Portugal, o medo ao negro de África. E, para muita gente, não há razão que lhes valha – argumentos lógicos, racionais e verdadeiros como as estatísticas relativas à criminalidade, bem mais pronunciadas entre o grupo dos portugueses do que entre os grupos de imigrantes.

“A utilização da razão é morosa e requer um dispêndio de energia. O que é mais fácil para nós? É utilizar o heurístico emocional em vez de fazermos um exercício, ponderarmos



“O medo é provavelmente a emoção mais antiga e que mais eficazmente tem sido utilizada, seja a ameaça factual ou fictícia”

Lisete Mónico, psicóloga social



todos os factos para depois tomar uma decisão ou ter um determinado comportamento”, diz Lisete Mónico.

Pensar cansa. E há vários estudos científicos que relacionam o preconceito com o quociente de inteligência. “Pode haver limites cognitivos na capacidade de assumir a perspetiva dos outros, particularmente estrangeiros, já que parece que o preconceito tem origens emocionais, não cognitivas”, explica o investigador Gordon Hodson ao site *Live Science*.

A ERA DA RAIVA

Na psicologia das massas, o outro que representa o perigo, logo é um adversário, um inimigo, ainda que imaginado, vem de fora do grupo de origem. E é preciso desumanizá-lo. No genocídio do Ruanda, os hutus eram incentivados a “matar as baratas”, que eram os tutsis. Para os nazis, os judeus eram ratos.

Nos Estados Unidos dos anos 40, a propaganda que antecipou a largada das bombas de Nagasaki e Hiroshima, criou “merchandising”: cinzeiros com a cara de um soldado japonês no corpo de um rato, com a frase ‘Jam your cigarette butts on this rat’ [esmague a sua beata neste rato]. Os imigrantes japoneses nos EUA eram retratados

como uma ameaça para as mulheres norte-americanas... E assim foi mais fácil para a opinião pública aceitar a grande barbaridade que os norte-americanos cometeram no Japão.

Mas nem é preciso ir pensar em fins tão extremos usando o medo como um meio. Ele serve também para tornar os povos mais dóceis, aceitando determinadas políticas. “Se analisarmos posicionamentos políticos que a História nos mostra, vemos que o medo está sempre presente e também pode unir as populações para justificar a implementação de medidas mais duras, por exemplo, a austeridade”, nota Lisete Mónico. Lembramo-nos dos tempos da Troika, do medo da falência de um País, dos apertados de cinto como única forma de evitar grande males económicos, e da vergonha de termos vivido “acima das nossas possibilidades”. Como acabou por ser fácil, nessa altura, retirar parte dos salários os funcionários públicos!

Do medo à raiva vai um pequeno salto. Tomemos como exemplo o objeto do medo. No discurso político – e já não só o da direita radical –, o outro, generalizado, é tido como um usurpador. Os ciganos ficam com os subsídios sociais; os imigrantes usam,

▼ **O grande manipulador** Medo, ódio e inveja numa habilidade discursiva e num tempo propício. É a face do mal

de graça, o nosso sistema de saúde, vêm ter os filhos às nossas maternidades, roubam-nos os empregos, até o sangue nos tiram, como titulava há dias um jornal, acusando os imigrantes da escassez de sangue nos hospitais. Os islâmicos querem meter burkas nas nossas mulheres!

Se o medo já separava bem as águas entre o “nós” e o “eles”, a raiva é dinamite que rebenta com qualquer ponte. Estamos na era da raiva e esta emoção não se encontra apenas nos populismos, como bem sublinha o sociólogo Karl Malmqvist, da Universidade de Gotemburgo. “A raiva é um tema central na política progressista contemporânea, em movimentos como o Black Lives Matter ou o #Me Too. Não só tomam a raiva como fonte de motivação, como afirmam o seu direito a estar zangados com a opressão de mulheres, negros, comunidades indígenas... Essa indignação pode ser diferente da expressa em movimentos de extrema-direita e extremistas religiosos. Mas ainda é raiva”.



Citando Barbara H. Rosenwein, que escreveu *The Conflicted History Of An Emotion*, “hoje temos um discurso que não apenas emprega a raiva, mas também a elogia, a exige, a ratifica e a celebra”. O que diria Buda, o que diria Jesus Cristo se olhasse uma qualquer caixa de comentários de uma rede social!

No seu artigo, Karl Malmqvist recorda os ensinamentos de Séneca, agora que o estoicismo está tão em voga. Ao contrário de Buda, Séneca não acreditava que uma pessoa pudesse abandonar completamente a raiva, pois o dia a dia apresenta-nos sempre gatilhos que nos fazem ranger os dentes. Não podemos controlar esses impulsos. Mas podemos controlar a forma como interpretamos os gatilhos e agimos sobre eles. Sentir é uma coisa, reagir é outra. E já aconselhava Séneca: “Não devemos acreditar nas palavras de homens irados, que falam em tom alto e ameaçador, enquanto no seu íntimo a sua mente é tão tímida quanto possível.”

ORGULHO E PRECONCEITO

Também Buda pregava o amor, única forma de vencer o ódio. E ensinava técnicas que dominar a raiva – mais do que dominar, erradicá-la de dentro de nós. Essa emoção nascida do orgulho faz logo uma primeira vítima, aquele que a sente. Tal não impediu os budistas de Myanmar de dizimarem os Rohingya muçulmanos, tal como os ensinamentos de Jesus nunca travaram os cristãos nas

suas cruzadas e guerras santas. Afinal, havia sempre o Antigo Testamento para ensinar o que era a ira de Deus.

A raiva polariza e vemos como as sociedades ocidentais estão cada vez mais divididas. Já não é apenas o “nós”, nacionais deste país, e o eles, imigrantes, são uma multiplicidade de nós e de eles, os brancos, os negros, os homens, as mulheres, os heterossexuais, os homossexuais e transexuais, os de esquerda, os de direita, os ricos, os pobres, os do campo, os da cidade, os jovens, os velhos, os do centro, os das periferias, os do norte, os do sul, os do sistema e os que estão contra ele... Terreno fértil para o discurso populista de manipulação das emoções.

“Aqui entram as emoções positivas, que são fundamentais. E falamos das emoções ligadas à definição do grupo, na criação de um sentimento de pertença. Os partidos de extre-

▼ **Um sonho fraterno** A não violência, o amor, a igualdade e um sentimento de fratria também mobilizam multidões com Martin Luther King

ma-direita fazem-no de uma forma mais ligada à identidade nacional, assumindo-a como homogénea, a nacionalidade, a religião... É o discurso que usa a honestidade, definindo o que são as pessoas de bem, com um passado triunfante do qual nos devemos orgulhar”, explica Cristiano Gianolla, exemplificando: “Vários estudos concluem que a ascensão de Donald Trump ao poder, nos Estados Unidos, se baseou justamente nisso, na ideia de que uma boa parte da sociedade branca norte-americana se sentia marginalizada e o seu discurso focou no sentimento de exclusão das pessoas brancas, como se tivessem de justificar o seu próprio *status social*.”

É como se a justa reivindicação de grupos minoritários por mais visibilidade e justiça gerasse no grupo dominante um certo sentimento de vergonha – o privilégio branco – e o discurso político à direita vem recolocar o orgulho no lugar da vergonha. “É uma habilidade discursiva estudada para defender posições bastante conservadoras. Por exemplo, falando dos Descobrimentos. Uma coisa são as virtudes náuticas dos portugueses, a grande capacidade de descobrir mundos antes de todos os outros. Outra coisa é romantizar o colonialismo e o imperialismo. As coisas não são a preto e branco nem podemos ter uma visão simplista

Em média, os partidos da extrema-direita aumentam a sua percentagem de voto em 30% depois de uma crise financeira

Eleonora Zampieri e Andrea Frizzera

“A fraternidade é essencial”

Dois académicos italianos especializados na Roma Antiga estiveram em Portugal para falar das emoções na política, no âmbito da Celtic Conference in Classics, organizada pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A VISÃO falou com eles

Como se faziam as eleições na República romana?

Eleonora Zampieri: Estudei em particular as campanhas eleitorais entre o segundo e o primeiro século antes de Cristo e todos os anos o tipo de governo mudava, com magistrados eleitos em assembleias. A competição era feroz e a campanha eleitoral permanente. Ali não se poupava ninguém, faziam-se ataques pessoais, ofensas até à aparência física dos competidores e às suas qualidades (ou falta delas) morais. Um tipo de campanha mais parecida com a que acontece agora nos EUA do que na Europa. Conspirava-se muito e recorde a história de um senador, Lúcio Sérgio Catilina, que conspirou contra Cícero, o famoso orador. Este, para o esmagar, exagerou bastante no sentimento de medo, na sua oratória, contra o perigo que Catilina representava, para o condenar, por um lado, e também para depois aparecer como o salvador da República e, de facto, ficar na História como “pai da Pátria”.

As emoções não mudam.

Eleonora Zampieri: Não. Sendo o medo uma das principais, mas também um sentimento de pertença. Bom, as mulheres estavam obviamente excluídas, mas estes senadores, sendo nobres, faziam questão de se mostrar humildes durante a campanha eleitoral, misturar-se com a plebe, conviver com ela porque eram todos cidadãos. E os nobres tinham muito cuidado para não mostrar a clivagem social no trato com a plebe porque o poder vinha do povo.

Algo que o império veio resolver.

Andrea Frizzera: Bom, não tinham de andar em campanha, mas em certa medida os imperadores comportavam-se da mesma forma com a plebe, era uma cultura política, andar entre os cidadãos de Roma, comportar-se como eles. Estamos a falar de tempos de grande violência, portanto, uma das emoções mais apreciadas pelo povo era a clemência.

A ideia de perdoar aos inimigos era algo de grandioso. E o imperador, para ser amado, não tinha de ser apenas temido. Por exemplo, dizia-se que Júlio César era “um homem de coração”.

E morreu daquela maneira...

O imperador era o “pai”, um deus. Mas havia sentimentos de fraternidade.

Andrea Frizzera: Sim, isso era importantíssimo. Entre os soldados, o valor da comunidade e da fraternidade era essencial. E a ideia da República não desapareceu completamente com o império, por isso era bem-visto que o imperador agisse ao serviço dos cidadãos.

Porque o inimigo era sempre o bárbaro.

Andrea Frizzera: Há nuances, diferentes períodos do Império Romano. Sim, o perigo vinha do elemento externo e havia relutância em incluí-lo. Mas houve períodos em que foi concedida a cidadania romana a todas as pessoas livres que vivessem nos territórios do império (exceto as mulheres, de novo). O imperador Caracala fez isso. Era conveniente. Primeiro porque os cidadãos pagavam impostos e integravam o exército. E também porque Roma ficava tão longe que criar esse sentimento de pertença facilitava na colaboração com as elites locais. Respeitava-se a cultura e a religião locais e isso era também uma forma de controlo, de manutenção do poder. A inclusão acabava por ser benéfica, economicamente falando.

probre o impacto do colonialismo. Falar da realidade não é atacar a honra do país, o debate é bem mais complexo do que isso”, continua o investigador.

A narrativa da grandeza (“Make America Great Again”), a recuperação do passado glorioso, o orgulho como “combustível da identidade coletiva”, segundo Lisete Mónico, é uma emoção altamente manipulável, tal como o medo, mas é uma emoção positiva, mobilizadora.

As emoções negativas são normalmente mais eficazes nos discursos políticos porque “o ser humano guarda mais memórias dos eventos negativos e os seus impactos são mais duradouros e mais difíceis, digamos assim, de recuperar”, adianta a psicóloga. Mas sem as emoções negativas, esse sentimento de pertença, orgulho, empatia ou esperança, ninguém aguentaria tanta negatividade.

O LÍDER E O POVO

Empatia, compaixão, solidariedade. Os movimentos sociais progressistas e a esquerda em geral gostam de se situar aqui, na fratria, e muitas vezes julgam que estas emoções estão arredadas dos populismos da direita radical. Nada mais errado.

“Onde é que eu me posiciono? Digamos que sou um líder populista. Vou então usar essas emoções positivas no meu grupo, seja o povo português, a lealdade para com as forças policiais, os bombeiros, os soldados que defendem a pátria. O desporto competitivo dá-nos um sentido de união do grupo. Existe todo um conjunto de emoções positivas, compaixão, solidariedade, amor, apoio, alegria, euforia, relativamente àqueles que consideramos que são exemplares do nosso grupo”, descreve Lisete Mónico.

E também há amor, sim... pelo líder. “O líder acaba por obter uma dimensão mitológica, uma pessoa que consegue enfrentar heroicamente os problemas da sociedade. O amor pelo líder representa duas dimensões contrapostas: uma é a ordinariedade, uma pessoa que compreende facilmente a realidade social das pessoas comuns; a outra é a extraordinariedade, uma pessoa que consegue fazer coisas que ninguém conseguiu fazer até aquele momento, em prol da sociedade”, acrescenta Cristiano Gianolla.

Nos populismos atuais, como nos históricos, o líder devolve a voz ao povo. “Existe um povocentrismo, os



discursos populistas centram-se no povo, como que se o povo tivesse sido afastado da sua representação política através dos regimes democráticos. Estes discursos vão enfatizar, por vezes, um sentimento até de nostalgia. Perdemos o passado, perdemos os tempos de ouro, o presente é decadente, etc., mas temos aqui uma oportunidade de devolver voz e o poder ao povo”, exemplifica a psicóloga.

Vemos aqui a esperança, mas também o ressentimento. Uma polarização do povo contra o outro, neste caso não o imigrante, mas as elites. E talvez tenha sido assim que Hillary Clinton perdeu a eleição norte-americana para Donald Trump.

CRISE E ANSIEDADE

Neste jogo das emoções, nos cordelinhos com que o discurso político nos molda os medos, as esperanças e os ressentimentos, o contexto importa? Importa muito. Depois de uma pandemia mundial de Covid-19 que nos fechou em casa e nos matou entes queridos, depois de uma guerra na Europa que fez disparar o custo das matérias-primas e, conseqüentemente, a inflação, depois de ameaças várias sobre guerras atômicas, como é que uma pessoa fica? Morta de medo, obviamente.

O chão treme sob os nossos pés, os tempos são inseguros. E foi assim, no século passado, depois de uma guerra mundial e de uma grande depressão económica que os fascismos ascenderam. “Em média, os partidos da extrema-direita aumentam a sua percentagem de voto em 30% depois de uma crise financeira”, conclui o estudo *Politics in the Slump*, publicado pela Comissão Europeia.

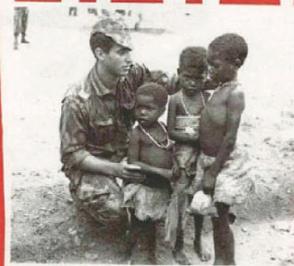


1



2

FOGE DO BANDIDO



a tropa trata bem os que se apresentam e os que encontra abandonados na mata

APRES

3



4

Não faltam estudos sobre a raiva dos eleitores após crises económicas e financeiras, raiva essa que os leva para os braços dos partidos antissistema. É o velho ditado da casa onde não há pão. Uma investigação publicada no *Oxford Economic Papers* mostra o elo

próximo entre o conservadorismo e a necessidade de segurança, acrescentando ainda a dimensão individual da habilidade para lidar com a incerteza. Quando a economia treme, não há espaço para as belas ideias do multiculturalismo ou do cosmopolitismo.

Atualmente, no entanto, o desemprego em Portugal está com um dos valores mais baixos dos últimos anos, 5,9%. O emprego está num máximo histórico e, no interior do País, onde chegam menos imigrantes, falta mão de obra nas florestas, na agricultura, nos cuidados aos idosos. O que se passa? Quando a ameaça não é real, como mostram também as estatísticas do crime, inventa-se para aproveitamento político.

Cabe-nos usar a razão. Somos o produto de milhares de anos de evolução, achamo-nos civilizados, talvez seja a hora de saber controlar certos gatilhos. Voltando a James Baldwin e ao seu discurso sobre o amor, “nós podemos ser essa pessoa, podemos ser esse monstro. Só temos de decidir não o ser”. acorreia@visao.pt

“O amor pelo líder tem duas dimensões: ele é ordinário, como as pessoas comuns, e extraordinário ao mesmo tempo”

Cristiano Gianolla, investigador do CES/ Universidade de Coimbra





- ▼ **1, 2 e 3** Folhetos de ação psicológica para convencer os elementos da guerrilha a juntarem-se às tropas portuguesas na Guerra Colonial. O medo era uma das estratégias
- ▼ **4** A mensagem da "guerra que vai acabar com a guerra" já tinha sido usada na I Guerra Mundial. É aqui recuperada pelo MPLA, na Guerra Civil de Angola
- ▼ **5** Na I Guerra Mundial os portugueses deram a vida sem compreender a razão. A mensagem foi desastrosa e as revoltas na frente de guerra sucederam-se
- ▼ **6** 1933. O Estado Novo estava a nascer e a "criança" veio bem forte

- ▼ **7, 8 e 9** II Guerra Mundial. Cartaz francês, de 1944, uma pin-up nazi e um cartaz italiano, de 1942, retratando Roosevelt e Churchill como gangsters
- ▼ **10 e 11** Um japonês retratado de forma estereotipada, roubando uma mulher branca nua; "Esmague a sua beata neste rato": cinzeiro da propaganda racista norte-americana contra os japoneses
- ▼ **12 e 13** Poster de uma exposição em 1937, em Munique, que retrata os judeus como agiotas, marxistas e escravagistas; "Rotten" (podridão). A imagem de um judeu num corpo de rato, símbolo da pestilência



Como conquistar o poder (ou o jogo das emoções) 54

Se o amor move montanhas, o medo ganha eleições. A fórmula pode não ser assim tão simples, mas são as emoções negativas que mais ativam as massas no discurso político. Os investigadores explicam como se brinca com os nossos sentimentos

